

A TRAJETÓRIA DO CONCEITO – UMA APRESENTAÇÃO NO PERCURSO DA DIFERENTE

Viver, sonhar, sentir, experimentar o ato de amar para descobrir que o mundo escapa pelos poros e, ao mesmo tempo, está diluído em infinitos processos de subjetivação. Solapar as conexões do mundo como se o mundo fosse um lugar, uma esperança ou simplesmente uma expectativa de amargura. O animal humano acorda para contemplar o seu próprio caos. Insiste em querer enxergar seu próprio destino. Mergulha nos dilemas que o mundo pode percorrer. Perde-se nos labirintos que não foram conectados na grande máquina de pensamento para se reencontrar na podridão que se vai formando em seu caminho. Fazer de um aporte uma passagem ou quem sabe uma gigantesca ponte lançada sobre o abismo celestial. Essa ponte pode ser uma ponte do conceito que, em seu movimento imanente, encontra o sempre novo e antidialético conceito. Já não será o mesmo e, quem sabe, nem o outro. Poderá ser aquilo que na sua embriaguez caminha trôpego entre tantos conceitos possíveis ou susceptíveis de ações pedagógicas.

Esse animal que parte o mundo em conexões binárias insiste em não dialogar com a vida. Nem mesmo será capaz de percorrer qualquer processo que represente uma escuta. Nega-se. Impõe resistência ao diálogo. Simplesmente não quer fazer parte da cena dialogística. Produz seu próprio discurso sem se importar se existe algum escutador infinito. Rejeita totalmente o diálogo. Consolida a sua própria liberdade sem se importar com uma carcomida “pedagogia libertadora” ou morrer de tédio com um dialogismo freireano que já se esvaneceu completamente na sua incapacidade de mover o seu próprio caos ou sentir a sua própria sentimentalidade. E quem se importa com as dores do mundo?

Se o animal humano é, sobretudo, uma anomalia – um excesso de si mesmo – poderíamos afirmar que o retorno à “normalidade” não pode ser esperado de um sujeito incompleto e nefasto para as coisas do mundo. É que a vontade passeia pelo subterrâneo quando o reconhecimento galopa veloz pelos códigos de honra, crueldade e egoísmo deste animal tão poderoso que necessariamente quer o melhor para si e não aceita a derrota como meta ou investi-

mento teleológico. O animal humano desarruma este supremo ser de invenções que é ele mesmo. Códigos, normas, instituições, percursos metodológicos e experimentos consolidam o espetáculo da técnica e, particularmente, a infinita revolução que ainda se põe em movimento nos tempos hodiernos que é a microeletrônica. Pena que não seja completa. Infelizmente não poderia ser definitiva. O racional não é totalmente real e muito menos o real poderá ser racional. Qualquer possibilidade de tornar o real ou o racional absoluto ou mesmo idênticos representa simplesmente mais uma das conexões lógicas do ser humano motivado pelo ideário hegeliano. Ou seja: mais uma invenção da humanidade. O idêntico a rigor nem existe. A sendo o próprio A torna-se pouco provável mesmo se nos comovêssemos com as artimanhas tautológicas A não poderia ser igual a A. A identidade é mais uma invenção do gênio humano.

É como se nada mais restasse a dizer sempre que o objeto de estudo circula no entorno da cultura. Eis que obrigatoriamente a noção de identidade aparece para apresentar a resposta aos problemas e/ou descaso com os "oprimidos". Esse conceito como todo conceito pode ser respaldado quem sabe na "consistência" produtora e, ao mesmo tempo, na possível relatividade que o faça transitar no caótico descompasso da realidade Isso quer dizer que o conceito só se movimenta se for capaz de retornar a incompletude da vida com a força necessária que o leve a sua atualização. Fora disso o que teremos é a realidade se moldando aos escaninhos minúsculos de nossos pré-conceitos. É tornar a realidade uma serva da nossa "racionalidade".

Entretanto, apesar de a realidade marchar em sua incompletude, nossos pesquisadores achando que podem se apropriar do real como propunha Hegel. Investem seus esforços de pesquisa para afirmar o já sabido. Os conceitos acabam por se esvanecer completamente sem o mínimo de força para retornar a vida e muito menos capaz de voar com a velocidade exigida pelo nosso tempo.

Por que insistir na utilização de um conceito que já se esvaneceu completamente ao lado de outros tantos conceitos oriundos das cartilhas e manuais como, por exemplo, os estratagemas discursivos da dialética erística dos marxóides, que passam a conectar suas pontes de generali-

dades metafísico-dialéticas no mais corroído dos conceitos que é o conceito de trabalho. Como podem esses conceituadores da educação erguer seus castelos em terreno tão movediço que mal se sustentam nos manuais pedagógicos? Não seria mais consistente para os pensadores da educação descolarem-se de seus castelos para dar lugar aos labirintos da realidade que pulsam com a vida?

O conceito de identidade é sem dúvida – no contexto atual – e, sobretudo uma grosseria ao nosso destino e ao nosso hodierno e complexo modo de viver, existir, amar, trabalhar, brincar, sofrer, contrair relações afetivas ou técnicas. Entre tantas coisas, inventar novas composições do caos. Se o conceito se esvanece, o mesmo não ocorre com a realidade que, em movimento não necessariamente contínuo, não cessa de ser sempre uma nova conexão rizomática. Se a produção de sempre novos conceitos representa a possibilidade de atualizar constantemente o caos, acasos, incertezas e incompletudes, deve-se correr o risco e abrir as identidades. Isso possibilitaria que os diversos grupos (étnicos, estéticos, sexuais, culturais ou epistêmicos) encontrassem em seu interior – no plano da imanência – outros tantos grupos que possibilitem outras tantas identificações que, não sendo enclausurada em sua identidade, possam lançar infinitas pontes que se expressam em territórios polilógicos e polifônicos.

Se pudéssemos quebrar mônadas identitárias seríamos capazes não só de profanar sua santidade, mas contaminar sua homogeneidade com o espectro da diferença. Que o ser social de Marx que produz valor encontre no ócio a passagem do seu devir e possa se pulverizar, identificando-se com a polissemia da vida com suas pontes de conexões ou com linhas de fuga que trespassam as “identidades” culturais. Isso não impede as identificações com os múltiplos sentidos da vida, para que a diferença possa apresentar. Sinta ela a necessidade – pelo menos – de identificação corporal e espiritual com os outros grupos já identificados entre os diversos.

Desta feita é que se pode reencontrar uma identidade que nunca poderia ser idêntica a si mesma, pois uma identidade que ajuntasse todas as diferenças deixaria de existir para dar lugar ao simulacro, a caricatura ou superfície de uma cultura que se diz identitária. Se a identidade

pode diluir as diferenças ou torná-las fora de contexto poder-se-ia afirmar que a identidade não sobreviveria sem a diferença. Sendo assim – por que identidade? Por que continuar falando em identidade?

Esta coletânea representa a diversidade. Caminha pelas trilhas da diferença. Reúne muitas vozes, olhares e conexões sobre o território da educação. Movimenta-se pelo já dito, pelo nunca dito ou simplesmente pelo inter-dito. É polifônica, polissêmica e polilógica. Desarruma nossas crenças. Entorna nossos sentimentos de desafeto pelo simples ato de poder dizer algo desse animal maravilhoso que a cultura insiste em querer educar. Isso porque o ser humano não é simplesmente um artista consumado. Como diria Nietzsche ele é uma obra de arte. Isso basta para tornar o animal humano divino e eterno em sua incompletude.

PROF. DR. JOSÉ GERARDO VASCONCELOS